

Resultado surpreende economistas

Jorge Ferreira
de São Paulo

O crescimento do Produto Interno Bruto no segundo trimestre do ano — 1,44% em relação ao período janeiro/março —, anunciado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), chegou a surpreender o economista Francisco Faria Jr., da Rosenberg & Associados. Ele esperava um índice menor, uma vez que os indicadores econômicos, principalmente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), mostram desaquecimento da economia a partir do segundo bimestre.

“É preciso lembrar que a base de comparação não é confiável, uma vez que a metodologia de cálculo do IBGE foi modificada. Além disso, os dados dessazonalizados também podem conter discrepâncias, já que nos últimos anos a economia sofreu tanto com o ‘stop and go’ que pra-

ticamente inexistiu um comportamento uniforme”, explica.

Já a expectativa dos técnicos do IBGE, de um crescimento entre 0,5% e 1% este ano, vai ao encontro das projeções dos economistas da Rosenberg. “Esperamos uma taxa de 0,7%. Se os números do IBGE confirmarem a estagnação da economia no segundo semestre, o índice de 1,22% apontado por eles para o primeiro semestre será repartido, chegando a uma taxa muito próxima dessas avaliações”, diz Faria.

Para o economista, esse cenário é bastante ruim, pois a comparação dos resultados do segundo semestre será feita sobre uma base bastante deprimida. “O ápice da crise asiática foi em outubro e no final daquele mês o governo dobrou as taxas de juros”, lembra. “Acredito que setembro e outubro terão os piores resultados do ano, porque nessa época ainda havia algum aquecimento na

economia em 1997”, prevê.

Quanto à expectativa do IBGE, de um desempenho ao menos “razoável” da indústria de bens de capital até o final do ano, o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), Luiz Carlos Delben Leite, é cauteloso. “No setor de bens de capital mecânicos apenas dois segmentos vão fechar o ano com resultado positivo: máquinas agrícolas, com crescimento de 10% em comparação a 1997; e equipamentos sob encomenda, entre 5% ou 6%. Nos demais, as perspectivas não são boas e, como um todo, o desempenho do setor deverá ser negativo”, avisa.

Delben Leite ressalva que o setor de bens de capital elétricos — não representado pela Abimaq —, que poderá apresentar um bom resultado. “As empresas que assumiram o controle das telefônicas têm de realisar investimentos importantes.”